

DESCARTES E A PSICOSSOMÁTICA: A RELAÇÃO MENTE E CORPO NO MODELO MÉDICO

Greicibely Faccin Borges¹
Max Rogério Vicentini²

RESUMO

O objetivo deste artigo é analisar o problema mente-corpo, posto por Descartes, em dois planos, o da divisão e o da união, enfatizando este último e buscando uma possível relação com os pressupostos da medicina psicossomática. Descartes é visto hoje pelos adeptos da medicina psicossomática como um defensor do modelo clássico da medicina, ou seja, um reducionista. Entretanto, é preciso notar que a divisão entre mente e corpo é apenas um dos planos empregados pelo autor no estudo do homem. Dessa forma, a hipótese que moveu esta investigação é a de que Descartes desenvolveu uma abordagem mais complexa da relação entre a mente e o corpo para a medicina do que os adeptos da medicina psicossomática percebem.

PALAVRAS-CHAVE: dualismo cartesiano; união substancial; medicina psicossomática; reducionismo

ABSTRACT

The aim of this paper is to analyze the mind-body problem, after Descartes, in two levels; the level of division and of union, with an emphasis on the latter in a search for a possible relation to presuppositions of psychosomatic medicine. Descartes is considered by supporters of psychosomatic medicine as a defender of classical medicine model, a reductionist. It is, however, necessary to note that the division between mind and body is just one of the levels utilised by the author in his study of mankind. In this regard, the hypothesis that provokes this inquiry is that Descartes developed a more complex approach about mind-body relation for medicine than the supporters of psychosomatic medicine realize.

KEY-WORDS: Cartesian dualism; substantial union; psychosomatic medicine; reductionism

¹Mestre em Psicologia. E-mail: greicibely@hotmail.com

²Doutor em Filosofia e Professor da Universidade Estadual de Maringá (UEM). E-mail: mrvicentini@uem.br

Introdução

Esta investigação parte de uma breve caracterização da medicina psicossomática, que conduz ao centro de um problema clássico da Filosofia Moderna: o problema da relação entre mente e corpo. A filosofia de René Descartes (1596-1650) instaura esse difícil e sempre presente problema. Por meio de uma análise da obra cartesiana, que será exposta a seguir, pretende-se alcançar um duplo objetivo: (1) caracterizar o problema da relação entre a mente e o corpo, tanto no plano da divisão, quanto no da união das substâncias e (2) apontar que a solução proposta por Descartes implicaria em uma maior consideração do nível da união, o que parece não ser condizente com as interpretações atuais, elaboradas pelos representantes da medicina psicossomática, que veem nesse autor um proponente e defensor do que hoje se denomina modelo biomédico, ancorado na divisão entre a mente e o corpo. Descartes, portanto, é visto pelos adeptos desta medicina como um defensor do modelo clássico do fazer médico. A desconsideração dos aspectos emocionais como fator importante para o adoecer seria uma marca de suas ideias médicas, como aponta De Marco (2003), Castro (2003) e Capobianco (2003), entre outros. Desse modo, vemos que Descartes é colocado no rol daqueles que condenariam a medicina psicossomática em função de abordagem mecanicista dos processos de sustentação da vida e das causas do adoecer. Será, contudo, uma classificação justa? Até que ponto ela se sustenta diante de uma leitura mais atenta dos textos cartesianos?

Essas são questões que motivaram a realização da presente investigação. Na tentativa de respondê-las, este trabalho será dividido nas seguintes etapas: em um primeiro momento se caracterizará a medicina psicossomática; em seguida, se buscará compreender os elementos, e suas articulações, que constituem o problema da relação entre a mente e o corpo em Descartes. Nessa seção será realizada uma análise das principais marcas do pensamento deste autor quanto ao corpo, à mente e a relação entre eles. Em seguida, será considerada também, com algum detalhe, a leitura reducionista que vem sendo realizada da obra cartesiana pelos adeptos da medicina psicossomática. É preciso notar que, embora muito proclamada, a divisão entre mente e corpo é apenas um dos planos empregados pelo autor no estudo do homem. Assim, há que se considerar, ainda, o plano da união

substancial, o qual iluminará Descartes por um ângulo não muito usual, mas necessário para uma compreensão e avaliação justa de seu pensamento e de sua herança. É no plano da união que as questões referentes ao adoecer poderão ser consideradas.

É dessas considerações que surge a hipótese que move a presente investigação, que agora pode ser explicitada: Descartes desenvolveu uma abordagem mais complexa de relação entre mente e corpo para a medicina do que os adeptos da medicina psicossomática deixam perceber. Pensamos, desse modo, que uma pesquisa que investigue os trabalhos de Descartes acerca da união substancial possa revelar pontos bastante significativos para uma aproximação de suas ideias com as propostas da medicina psicossomática.

1. Caracterização da medicina psicossomática

Para Castro (2003), a medicina psicossomática estuda a interação entre mente e corpo, tratando-os como uma unidade, analisando a influência das emoções no desenvolvimento de doenças, objetivando também a prevenção e o tratamento das mesmas. A orientação da medicina psicossomática envolve a análise de multifatores como agentes ou determinantes do adoecer, dentre eles os ambientais, culturais, emocionais, psicofisiológicos, genéticos, constitucionais, a história passada e a situação presente do paciente.

Um bom caminho para se compreender a medicina psicossomática pode ser encontrado no modo peculiar como ela analisa o adoecer. Segundo Pinheiro (1992), a vida só é possível dentro de certas constantes químicas, físicas, fisiológicas, físico-químicas, imunológicas, entre outras. Todas essas constantes têm limites determinados de variação; uma faixa que determina a saúde, outra a doença e outra, ainda, a impossibilidade da vida. Essas constantes, de que dependem a saúde e a doença, são alteradas por estímulos externos ou internos. Representantes dos primeiros podem ser encontrados nos microrganismos, produtos químicos, agentes físicos, acidentes, relação do indivíduo com outros indivíduos, entre outros, dos segundos podem ser considerados o pensamento, o sentimento, o temperamento, as necessidades afetivas, as informações emitidas pelas vísceras, as preocupações e expectativas negativas. Entretanto, o corpo não consegue diferenciar uma ameaça interna de uma ameaça externa, havendo a possibilidade de nossas

preocupações e expectativas negativas se transformarem em doenças físicas, pois o corpo sente como se estivessemos em perigo mesmo quando a ameaça possa ser imaginária.

Após o sistema límbico analisar os impulsos gerados por estímulos internos ou externos é emitida uma resposta para determinada região ou órgão do indivíduo. Assim, segundo Pinheiro (1992), essa resposta emitida pelo sistema límbico tem por finalidade a satisfação de uma necessidade fisiológica ou uma necessidade que nasce na ‘intimidade dos processos mentais’. Se satisfeita essa necessidade, o equilíbrio é refeito, o que leva a um estado de prazer e bem-estar. Porém, se a necessidade não é satisfeita, a homeostase se compromete e o organismo entra em estado de alerta. Esse estado é constituído de quatro fases, e estão relacionadas com o processo de adoecer.

A primeira fase desse processo é denominada **tensão emocional**. O estado de tensão emocional apresenta três componentes: psicológico, fisiológico e social. Pinheiro (1992) esclarece:

O componente psicológico ou subjetivo do estado de tensão emocional pode ser referido pelo paciente como sendo medo, raiva, fobia, depressão, culpa, desânimo, mal estar, angústia ou ‘algo estranho que não sei definir bem’ e diversas outras formas. Quanto ao componente fisiológico podem ocorrer: (1) alteração na musculatura lisa dos órgãos; (2) na secreção dos hormônios ou na secreção própria dos órgãos (secreção ácida do estômago, por exemplo); (3) na circulação dos órgãos, e na permeabilidade dos capilares sanguíneos; (4) no mecanismo de coagulação do sangue. Essas alterações geram sintomas (manifestações físicas), embora de fraca intensidade. O componente social pode ser revelado pelo ato do indivíduo isolar-se, por acidentar-se mais freqüentemente e por diversas outras formas (PINHEIRO, 1992, p.73).

A segunda fase é acionada se a necessidade não tiver sido satisfeita, e denomina-se **distúrbio funcional**. As alterações fisiológicas são as mesmas da primeira fase, porém, mais intensas agora e com inúmeros sintomas como, por exemplo, dor de cabeça, tosse, tontura, azia, prisão de ventre, diarreia, palpitação, frigidez, impotência entre outros. É importante ressaltar que nestas duas primeiras fases não se encontram anormalidades ou evidências nos exames complementares.

A terceira fase, denominada de **enfermidade celular**, ocorre se houver persistência das alterações fisiológicas iniciadas na primeira fase da tensão emocional. Isso significa que as necessidades não foram satisfeitas e, portanto, que o equilíbrio não foi restabelecido. Somente nesta fase é possível encontrar alterações através de exames, isso devido à ocorrência de lesões celulares.

A última fase é a doença propriamente dita, denominada **fase de lesão ou doença anatômica**. Podem ser doenças do tipo inflamatório, ulcerativo, necrótico, tumoral (neoplásico) e estarem ou não acompanhadas de complicações do tipo infeccioso, hemorrágico ou de outra natureza.

Portanto, na perspectiva da medicina psicossomática é assumido que as emoções exercem uma forte influência sobre o corpo, tão determinante quanto aquela exercida pelos objetos exteriores. Se a relação entre emoção e corpo não for harmoniosa pode acarretar o desenvolvimento de doenças ou outras consequências deletérias. Assim, percebe-se a relevância de analisar o ser humano enquanto uma unidade para prevenção e tratamento de doenças.

Desse modo, o que essas pesquisas indicam é que há uma constante interação e influência recíproca entre sentimentos e corpo físico com interferências do contexto ou meio social, que permeiam o processo de adoecer.

A medicina psicossomática vem, portanto, realizar um trabalho que considera a interação entre a mente e o corpo no tratamento de doentes, e não de doenças, enxergando a pessoa em sua totalidade e não apenas os seus sintomas, através da compreensão do histórico do paciente, de suas características comportamentais ou condutas frente a diversos fatores da vida. Daí cabe a necessidade de se considerar a fisiologia humana para se entender também as causas psicológicas das doenças. O estresse é um bom exemplo para se entender isso.

A Síndrome Geral de Adaptação, descrita por Hans Selye, a partir de 1936 e posteriormente identificada como o próprio estresse é um conjunto de reações físicas e eminentemente somáticas, de cunho, sobretudo, emocional, que surge quando o organismo é compelido a adaptar-se a alguma situação alarmante. O processo que vai do estresse até o resultado somático final será sempre um processo fisiológico e biológico atrelado às

características da espécie. Identificar ou considerar um estímulo como sendo estressante ou não, será sempre uma atribuição emocional e particular do sujeito. Afinal, a somatização é a expressão física de um período de tensão emotiva, a sobrecarga do sistema, o resultado do que a mente sentiu sobre o fato ocorrido de acordo com a avaliação de cada indivíduo, portanto, resultado de uma lesão processada pelo cérebro emocional.

Essa breve caracterização da medicina psicossomática leva-nos a refletir naturalmente sobre a relação entre a mente e o corpo. O problema da relação entre a mente e o corpo, por sua vez, conduz-nos à consideração da filosofia cartesiana, na qual encontramos a sua mais clara apresentação.

2. Caracterização do Problema mente-corpo

Descartes usou o método da dúvida hiperbólica³ a fim de encontrar algo de certo e indubitável, que servisse de fundamento sólido a uma nova ciência, que capacitaria o homem ao avanço em todas as áreas do conhecimento sob sua competência. Seu objetivo, ao levantar essa dúvida sistemática, era eliminar totalmente a própria dúvida e encontrar algum conhecimento realmente seguro. Segundo suas próprias palavras: “Percebi que era necessário, uma vez em minha vida, destruir tudo e começar novamente desde os fundamentos, se quisesse estabelecer nas ciências algo de firme e constante” (DESCARTES, 1649/1989, p.93).

Na segunda meditação, após ter conduzido, na primeira meditação, a dúvida tão longe quando possível, Descartes(1649/1989) estabeleceu algumas certezas, sendo a primeira “Penso, logo existo”, justificada pelo fato de que se tudo o que pensasse fosse um engano, seria necessário, ao menos, que existisse para ser enganado, mesmo que fosse puro pensamento. Então, de acordo com esta primeira certeza, o filósofo chegou à conclusão de que se ele é uma coisa pensante, não dependente de qualquer coisa material para existir e que, por essa razão, sua natureza mental é totalmente distinta de seu corpo, podendo existir sem ele, sendo a simplicidade uma das características da alma e garantia de sua imortalidade.

³ Rejeitar como falso tudo o que já o enganara um dia.

Ao fim de sua meditação, os argumentos utilizados para provar a existência de si mesmo e do mundo dependem da demonstração da existência de Deus, a qual está baseada em três provas. Na primeira prova, o filósofo acredita que a certeza a que chegou, “penso, logo existo”, é um sinal de imperfeição, pois a sua constatação deu-se por meio da dúvida e não por uma via direta de conhecimento, que seria mais perfeita. No entanto, para que haja a idéia de imperfeição é necessário que se tenha a idéia de perfeição, ora, na concepção cartesiana, o mais não pode se originar do menos, desse modo, a idéia de Deus, presente em Descartes, não pode ter sido colocada em seu espírito por si mesmo, mas unicamente pelo próprio Deus, a manifestação da perfeição em seu mais alto grau. Na segunda prova, ele parte do questionamento da causa de sua própria existência e, ao se caracterizar como um ser imperfeito, acaba encontrando uma resposta para seu questionamento: somente alguém mais perfeito poderia tê-lo criado. Na terceira prova, acredita que a existência está compreendida na idéia de Deus, pois existir é mais perfeito do que não existir, como a idéia de Deus é sumamente perfeita, ela deve englobar a existência como um de seus predicados.

A existência de um criador perfeito, bom e justo, possibilitou a Descartes defender a idéia de que a mente apresenta uma faculdade de percepção clara e distinta, que lhe permite distinguir o verdadeiro do falso, o existente do não existente, e dessa forma, evitar o erro. Diz Descartes: “O fato de que posso clara e distintamente entender uma coisa separadamente de outra é o suficiente para me certificar de que duas coisas são distintas, já que são capazes de ser separadas, por Deus, pelo menos” (DESCARTES, 1649/1989, p.134). É a partir desta constatação que o filósofo estabeleceu a distinção entre corpo e mente, pois, apesar de possuir a idéia clara e distinta de si mesmo como uma coisa pensante e não extensa, possui também a idéia clara e distinta do seu corpo como algo extenso e não pensante.

Para Descartes (1649/1989), as coisas extensas são tudo aquilo que tem dimensões espaciais e por isso podem ser quantificadas quanto ao seu tamanho, figura e movimento. Por este conceito o filósofo estabelece o corpo como sendo extenso. Assim, para ele, o corpo é sempre divisível enquanto que a mente é indivisível. Assim, no plano de direito, fundado no critério de clareza e distinção, fica estabelecida a divisão substancial entre a mente e o corpo.

O problema decorrente dessa distinção de direito é compreender como substâncias que são completamente heterogêneas podem interagir. É um fato reconhecido pelo próprio Descartes, em várias passagens de seus escritos, que isso ocorre. No homem, ser vivente, ou seja, no plano de fato, a alma e o corpo estão intimamente ligados de tal maneira que podem ser caracterizados como uma união substancial.

3. Reduccionismos

Na maioria dos livros que buscam um modelo médico biopsicossocial, e consequentemente, que apontam os reduccionismos realizados pelo modelo biomédico, os autores, em geral, têm dedicado uma abordagem à evolução do problema mente-corpo, e apontam que Descartes contribui com os alicerces do modelo biomédico ao postular que mente e corpo são duas coisas distintas e separadas, ou seja, postular a divisão entre mente e corpo. Como se pode observar no seguinte trecho de De Marco (2003):

Considera-se que a influência do paradigma cartesiano sobre o pensamento médico foi um fator determinante na construção do modelo biomédico, alicerce consensual da moderna medicina científica. Descartes propõe, por meio de suas concepções, uma separação absoluta entre fenômenos da natureza e fenômenos do espírito e, por consequência, uma separação radical entre mente e corpo (DE MARCO, 2003, p. 34).

Entretanto, por este ponto de vista, reduz também a obra de Descartes, a qual trata do problema mente-corpo em dois planos, o da divisão e o da união, conforme apontamos acima, e não apenas pelo qual é mais criticado, o plano da divisão. Outros exemplos do mesmo ponto de vista da citação anterior podem ser observados a seguir:

A Medicina Psicossomática estuda a unidade e interação entre o corpo e a mente. Saindo do dualismo cartesiano *res extensa rescogitans*, seguindo o aforismo romano *mens sana in copora sano*, alcançamos a indivisibilidade vital do homem. [...] Descartes, escrevia que a mente é uma substância separada, nada requerendo além de si mesma para existir, sendo o corpo operado mecanicamente de maneira independente (CASTRO, 2003, p. 51-60,).

A partir de Descartes, no entanto, a concepção moderna da distinção entre corpo e mente passa a afetar profundamente a ciência e, conseqüentemente, a medicina. A concepção entre uma distinção entre o funcionamento mental e o funcionamento corporal como conseqüência do dualismo corpo/mente vai, então, gradativamente se difundir, até dominar as concepções da ciência médica (CAPOBIANCO, 2003, p. 119).

Nestas perspectivas, Descartes pode ter sido mal interpretado, pois na medida em que se faz uma leitura mais atenta da obra desse autor tem-se outra compreensão da questão. Assim, é possível considerar o método utilizado por Descartes e as ideias que permeavam e definiam sua visão de mundo e de homem e que embasam sua medicina, como relevantes para analisar o problema da relação entre a mente e o corpo no interior de sua vasta obra.

Entretanto, é verdade que ele também buscou a separação entre o corpo e a mente, mas como uma conseqüência da aceitação de um preceito metodológico, que determina a consideração das coisas simples antes das coisas compostas. Ou seja, buscou primeiramente o entendimento da alma e do corpo como entidades separadas, no plano da divisão, portanto, simples, antes de considerá-las unidas, como de fato acontece, no plano da união. Desse modo, Descartes expressa sua visão de homem como um composto de corpo e alma. Contudo, a alma difere do seu corpo por ser simples, portanto, imperecível, isto é, imortal, enquanto que o corpo, por ser constituído por partes, que são seus membros, pode se modificar e perecer. Segundo Descartes:

[..] a fim de que se note que o corpo, tomado em geral, é uma substância, razão pela qual também ele não perece de modo algum; mas que o corpo humano, na medida em que difere dos outros corpos, não é formado e composto senão de certa configuração de membros e outros acidentes semelhantes; e a alma humana, ao contrário não é assim composta de quaisquer acidentes, mas é uma pura substância (...) é, no entanto, sempre a mesma alma; ao passo que o corpo humano não mais é o mesmo pelo simples fato de se encontrar mudada a figura de alguma de suas partes. Donde se segue que o corpo humano pode facilmente perecer, mas que o espírito ou a alma do homem [...] é imortal por sua natureza (DESCARTES, 1649/1983, p. 80).

Na Sexta Meditação, após ter provado a imortalidade da alma, Descartes volta-se para a consideração do plano da união da alma com o corpo, comum a todos os humanos viventes.

Na obra Tratado do Homem, Descartes (1633/1993) define o ser humano como um composto mente e corpo, e apenas para melhor compreendê-los é que procede a um estudo dos mesmos em separado. Assim, com esta perspectiva, o autor se utiliza da ideia de máquina para entender o que é corpo, uma vez que este está sendo analisado sem a alma, ou seja, um corpo sem alma é uma máquina construída por Deus. O autor se utiliza de modelos geométricas para explicar as funções de alguns órgãos, matematizando o corpo humano e lhe atribuindo um caráter mecanicista. Entretanto, a explicação mecânica do corpo só é possível na ausência da alma.

Desta forma é importante salientar, que o corpo que ele analisa em tal obra, por estar dissociado da alma, não é o mesmo que Descartes analisará para compreender o adoecer. Tal fato fica claro quando o filósofo explica que o homem só terá sensações ou percepções quando houver a união entre o corpo e a alma. Este aspecto a respeito da sensação de dor é descrito no trecho a seguir:

[...] se os pequenos filetes quem compõem a medula desses nervos forem puxados com bastante força, de modo que se rompam e se separem da parte a que estavam unidos, fazendo com que a estrutura de toda a máquina seja menos perfeita, o movimento que eles causarem no cérebro ocasionará a alma, à qual importa que o lugar de sua sede seja conservado, o sentimento de dor (DESCARTES, 1633/1993, p.158).

Assim, nota-se que o autor atribui à alma a característica de sentir, extirpando a ideia de que o corpo é apenas uma máquina quando unido àquela. Em função disto, seria incorreto afirmar que Descartes fez uma abordagem reducionista do homem, já que buscou em sua obra dois planos: o plano da divisão mente-corpo, o qual desempenha uma função metódica, para uma análise mais minuciosa, específica do corpo e da alma, e o plano da união mente-corpo, o qual é uma tentativa de alcançar a compreensão, a partir de uma base concreta de um homem no pleno desempenho de suas funções.

4. União substancial

Para Descartes corpo e alma são substâncias distintas, embora explique na obra *Paixões da Alma*, que as paixões⁴ manifestam uma união substancial. Contudo, já no *Tratado do Homem*, Descartes (1633/1993) afirmara que apenas se Deus unir corpo e alma é que se tornará possível as sensações. Cottingham (1995) também enfatiza esse mesmo ponto, referindo-se à obra de Descartes: “Quando uma coisa pensante está ‘unida’ a um corpo, entretanto, temos então um tipo distinto de fenômeno, a experiência sensorial, que não pode ser atribuída *simpliciter* à mente ou ao corpo, mas que deve, antes, ser atribuída à entidade híbrida que é o um ser humano” (COTTINGHAM, 1995, p.144).

Para conhecer as paixões da alma, Descartes explicita as diferenças entre as funções desta e as do corpo, já que se apresentam unidos. O filósofo realiza uma breve explicação das funções do corpo e de suas partes, tecendo comentários sobre a digestão, a circulação sanguínea, como se produzem os espíritos animais⁵, como se fazem os movimentos dos músculos, como os objetos externos atuam sobre os órgãos dos sentidos. Em relação a estes itens, salienta que a diversidade existente entre os espíritos animais é que lhes alteram o curso, considerando que os membros são movidos pelos objetos dos sentidos e pelos espíritos animais, não necessitam da ajuda da alma, pois para isso não necessitam da vontade, pois são movimentos involuntários.

Descartes (1649/1983) aponta que a alma é uma substância pensante. Além disso, afirma que a alma só se ausenta do corpo quando este morre, isto é, quando há a cessação do calor existente no corpo e por consequência do funcionamento de seus órgãos em geral. O autor aponta que o pensamento pode ser de dois gêneros principais: as ações da alma e as suas paixões. As primeiras seriam as vontades. Já as paixões, seriam as afecções de objetos externos ou internos.

⁴ São percepções ou emoções de várias espécies que a alma recebe diretamente ou indiretamente – quando causadas pelo corpo. Estas últimas podem ser percepções sensoriais de objetos externos ou internos e percepções que surgem na alma quando o corpo age sobre ela, como por exemplo, a alegria ou o ódio.

⁵ São elementos físicos que realizam a transmissão de informação no sistema nervoso em um processo involuntário.

Para entender as paixões da alma, o filósofo afirma ser necessário compreender que a alma está unida a todas as partes do corpo conjuntamente. Entretanto, a alma exerce suas funções mais especialmente na glândula pineal, localizada na região cerebral, do que em outras partes do corpo. Deste local a alma é irradiada para o corpo, através dos espíritos animais, dos nervos e do sangue, agindo em todos os membros.

Apesar de Descartes (1649/1983) afirmar que existe um número indefinido de paixões, considera seis paixões primitivas: a admiração, o amor, o ódio, o desejo, a alegria e a tristeza. Desta forma, as outras paixões derivam de alguma dessas, ou são suas espécies. O autor afirma que as paixões, de modo geral, servem para conservar na alma os pensamentos, auxiliando o seu fortalecimento, sejam eles bons ou maus. Afirma também que as paixões, como amor e ódio, dependem do corpo tanto quanto dos juízos da alma.

Para o filósofo, tanto os objetos carregados negativa ou positivamente (como por exemplo as coisas que causam amor ou ódio) são representados na alma por meio dos sentidos exteriores ou pela razão. Considera que os objetos que chegam à alma pelos sentidos tocam mais forte do que aquilo que é apenas representado pela razão da própria alma. Outro fator relevante é que a mesma causa pode excitar vários tipos de paixões em diferentes homens, pois segundo o autor, nem todos os cérebros são iguais, ou seja, não possuem idênticas disposições, sendo que os mesmos movimentos da glândula pineal podem originar diferentes paixões, de acordo com os espíritos animais que a produz.

Descartes (1649/1983) afirma que a alegria e a tristeza são também excitáveis por bens e males que se referem ao corpo, e que o bem-estar deste também influencia a alma, como no trecho a seguir:

Assim, quando gozamos de plena saúde e o tempo é mais sereno do que de costume, sentimos em nós um contentamento que não provém de nenhuma função do entendimento, mas somente das impressões que o movimento dos espíritos provoca no cérebro; e sentimo-nos igualmente tristes como quando o corpo está indisposto, embora não saibamos que ele o esteja. (...) Mas a causa de ser a alegria de ordinário seguida pelo prazer é que tudo o que se chama de prazer ou sentimento agradável consiste em que os objetos dos sentidos excitam nos nervos algum movimento que seria capaz de prejudicá-los se não tivessem bastante força para lhe resistir, ou se o corpo não estivesse bem disposto; o que provoca uma impressão no cérebro, a qual, sendo instituída pela natureza

a fim de testemunhar esta boa disposição e esta força, a representa à alma como um bem que lhe pertence, na medida em que está unida ao corpo e assim excita nela a alegria (DESCARTES, 1649/1983, p. 253).

Nesta descrição de como uma paixão (alegria) atinge o corpo e vice-versa, compreendemos a necessidade da união mente-corpo para o embasamento de tal teoria. Donatelli (1999) afirma que “A importância do corpo já pode ser notada por meio da abordagem do entrelaçamento do nível sensível com o inteligível. Também aí é mencionada a influência das condições fisiológicas sobre o pensamento. A filosofia, enquanto sabedoria distancia-se da pura contemplação e volta-se para a prática ao se estabelecer como base de tudo o que for útil à vida. A filosofia, assim caracterizada, volta-se para conservação da saúde. Afinal, ela é base de todos os outros bens” (DONATELLI, 1999, p.10).

Assim, pode-se entender que as paixões (amor, ódio, alegria, tristeza, desejo, etc.) influenciam em nosso corpo até mesmo a saúde, ou nas palavras de Donatelli (1999) “as paixões estão relacionadas com alterações na circulação de líquidos que atuam sobre a digestão dos alimentos, na circulação do sangue e dos espíritos animais que provocam alterações fisiológicas” (DONATELLI, 1999, p.16). É o que Descartes (1649/1983) aponta no trecho a seguir, a respeito do amor:

Ora, considerando as diversas alterações que a experiência mostra em nosso corpo enquanto nossa alma é agitada por diversas paixões, observo no amor, quando está só, isto é, quando não se acha acompanhado de qualquer intensa alegria, ou desejo, ou tristeza, que o batimento do pulso é igual e muito maior e mais forte que de costume; que se sente um doce calor no peito, e que a digestão dos alimentos se faz mui prontamente no estômago, de modo que essa paixão é útil para a saúde (DESCARTES, 1649/1983, p. 254).

Com isso, Descartes (1649/1983) postula que “há tal ligação entre nossa alma e corpo que, uma vez unida uma ação corporal a um pensamento, nenhum dos dois pode apresentar-se-nos em seguida sem que o outro também não se apresente” (DESCARTES, 1649/1983, p. 256). Através de uma significação individual (de acordo com a história de vida), entre ação corporal e paixão, o autor justifica a causas das diferentes maneiras das

peessoas reagirem a algo, como, por exemplo, diferença na pulsação em relação a alguma paixão. Assim, o amor, o ódio, o desejo, a alegria e a tristeza se relacionam com o corpo e são dados à alma por esta estar unida a ele. E a alma, por sua vez, é que contribui nas ações da conservação do corpo por ser ela a perceber a dor, produzindo, então, tristeza, ódio e o desejo de dela se livrar. Da mesma maneira a alma percebe e traduz o que é bom ao corpo. Tais fatos demonstram que essas paixões são necessárias para o corpo. Entretanto, algumas podem ser maléficas, de acordo com seu uso, com a significação dada à paixão, de forma que podem ser compreendidas de modo exagerado e conduzir a uma ação nociva ao corpo. E para que isto não ocorra Descartes afirma “[...] eis por que devemos servir-nos da experiência e da razão para distinguir o bem do mal e conhecer o justo valor, a fim de não tomarmos um pelo outro e não nos entregarmos a nada com excesso” (DESCARTES, 1649/1983, p. 266). Desta forma, o autor postula:

[...] de maneira que, se não tivéssemos corpo, eu ousaria dizer que não poderíamos nos abandonar demais ao amor e à alegria, nem evitar demais o ódio e a tristeza; mas os movimentos corporais que o acompanham podem ser todos nocivos à saúde, quando são muito violentos, e, ao contrário, ser-lhe úteis quando são apenas moderados (DESCARTES, 1649/1983, p. 268).

Neste trecho fica nítida a influência das paixões da alma para a saúde do corpo, e também a importância da moderação das paixões – o que implica conhecimento delas. O autor ressalta que essas paixões não levarão a nenhuma ação se não houver o intermédio do desejo. Assim, considera que é o desejo que se deve regular para se obter a moderação das paixões, sendo esta a principal utilidade da Moral. E é o que Donatelli (1999) nos aponta:

Na concepção cartesiana de paixão, fisiologia e moral interagem o tempo todo. De um lado, encontra-se a noção de corpo que acompanha todos os movimentos da paixão. Noção que se apresenta como fundamental para a compreensão das paixões, uma vez que [...] afeta o coração, a circulação do sangue e o sistema nervoso. De outro, encontra-se a noção de generosidade que procura fundamentar todas as nossas ações com base no duplo esforço em bem julgar e bem agir. É a prática de uma sabedoria que nos torna senhores de nossas paixões e nos ensina a manipulá-las com base no conhecimento de seu mecanismo. Afinal, segundo Descartes, só a sabedoria nos possibilita usufruir de toda a “alegria e

doçura da vida” que as paixões proporcionam (DONATELLI, 1999, p. 29).

Dessa forma, compreende-se a importância de direcionar as paixões para o bem estar do homem enquanto composto, como aponta Donatelli (1999) “Bem-estar que passa, fundamentalmente, pela saúde, pela conservação do corpo. Isso significa considerar o caminho que vai do corpo à alma [...]. Além desse caminho, considera a possibilidade inversa, ou seja, quando a tristeza provoca distúrbios orgânicos” (DONATELLI, 1999, p. 22). E compreende-se também que, nesta busca por um melhor direcionamento das paixões, um dos principais elementos morais é a generosidade. Pois ao fundamentar as nossas ações, ela pode nos auxiliar a julgar e agir com mais coerência. Para isso, o autor ressalta a importância de se cultivar tal disposição para que se torne um hábito. Para Donatelli (1999), em Descartes a questão da generosidade, como caminho para a saúde geral do indivíduo, aponta o entrelaçamento mente e corpo:

A idéia de generosidade, como elemento moral mais importante nessa teoria das paixões, mostra como estão entrelaçadas as concepções morais e as fisiológicas. Como expressão de uma virtude que visa corrigir os excessos das paixões, ela precisa estar ligada a determinados estados fisiológicos. As paixões envolvem movimentos dos espíritos animais e o desregramento consiste em algum desarranjo em seu fluxo, além de fatores morais. É preciso, então, recorrer a uma mudança no movimento dos espíritos, que possibilite a restauração do equilíbrio desse fluxo. Essa concepção exige a aliança entre o pensamento e o corpo, os sentidos, ou seja, é preciso provocar, por meio do pensamento, uma mudança nos movimentos dos espíritos, que viabilize o retorno do equilíbrio do fluxo dos espíritos animais (DONATELLI, 1999, p. 28).

Contudo, se para Descartes o homem é um composto mente-corpo, em que há interação destes elementos, com influência mútua, pode-se entender que “os sintomas de uma doença não se limitam no funcionamento corpo-máquina. Eles vão além e apontam uma influência da alma. Influência que se dá quando a alma sente algo como desagradável, que pode perturbar todo o mecanismo do corpo” (SILVEIRA, 1985 apud DONATELLI, 1999, p. 24).

Para o equilíbrio do corpo e da alma, Descartes (1649/1983) indica um caminho moral, o qual esboça nas cartas à Princesa Elisabeth. Nelas ele também explica que suas

Meditações tinham o intuito de provar a distinção entre corpo e alma para que pudesse conceber noções de cada elemento, pois “toda a Ciência dos homens consiste tão-somente em bem distinguir essas noções e não atribuir cada qual senão às coisas a que pertencem” (DESCARTES, 1649/1983, p. 298). Mas explica também que considera importante conhecer a noção da união entre esses dois elementos. Assim, o autor busca entender três gêneros de noções: da alma, do corpo e da união entre eles. Com isso, ele afirma “que embora se queira conceber a alma como material (o que é propriamente conceber sua união com o corpo) não se deixa de conhecer, depois que é separável deste” (DESCARTES, 1649/1983, p. 301). Algo que Gerard Lebrun (1983) exprime bem no trecho: “As Meditações insistiram na separação das substâncias e, por razões metodológicas, deixaram na sombra a substância psicofísica, isto é, a união de fato no homem das duas substâncias separadas. Mas não se deve falar de um corte entre a alma e o corpo humano em Descartes” (LEBRUN, 1983, p.297).

Desta forma Descartes (1649/1983) concebe a alma através do entendimento puro. Já o corpo (extensão, figura, movimentos) pode ser concebido pelo entendimento, e melhor ainda com a ajuda da imaginação. Já a noção da união mente-corpo é mais difícil de ser conhecida apenas pelo entendimento e imaginação, mas pode ser melhor compreendida através dos sentidos. Por exemplo, a dor de uma doença ou de um ferimento expõe de modo breve as funções unidas de mente e corpo, como esclarece Cottingham (1999) ao ressaltar os seguintes aspectos psicofísicos:

É a *estranheza* de sensações psicofísicas como fome e dor, sua dissimilaridade inerente com as percepções transparentes do intelecto, que nos mostra que não somos simplesmente mentes puras anexadas a corpos. Em lugar disso, este corpo em particular é *meu* de uma maneira peculiar, ainda que inegável e vividamente manifesta. Essa é, por assim dizer, a “assinatura” característica de minha existência não apenas como “coisa pensante” conectada a um corpo mecânico, mas como um amálgama único de mente e corpo, um ser *humano*. Comentadores, pelos menos dentro da tradição anglofônica, têm tido a tendência de ignorar esse aspecto crucial da filosofia de Descartes (COTTINGHAM, 1999, p. 43).

8. Conclusões

Descartes fala da distinção entre mente e corpo como substância pensante e substância extensa respectivamente, atribuindo a característica de perecível para o corpo e de imortal para a alma, ou seja, que pode resistir à morte do corpo. Entretanto, também aponta a existência de uma comunicação entre ambas substâncias, para formar o “composto homem”, em uma espécie de inter-relação, definindo uma união substancial. Depois da análise desses dois planos, o da divisão e o da união mente e corpo pode-se apontar que a interpretação da obra cartesiana pelos adeptos da Medicina Psicossomática não faz jus à sua complexidade. À medida que se faz uma leitura mais atenta da obra de Descartes, têm-se a compreensão de que o filósofo realiza uma abordagem mais rica da relação entre mente e corpo para a Medicina, com a postulação do plano da união, do que se supõe. Por esta razão, acreditamos razoável afirmar que Descartes não seria totalmente contrário à Medicina Psicossomática caso a tivesse conhecido. Assim seria difícil afirmar, como os adeptos da Medicina Psicossomática têm feito, que a obra de Descartes constitui o grande alicerce do modelo biomédico, o qual é comumente apontado como um modelo reducionista do homem. Ainda que, de fato, haja muitos elementos para identificar Descartes como um proponente da abordagem mecanicista do corpo humano, como ficou claro ao descrevermos o plano da divisão, há também, mais especificamente nas obras tardias, indicações de limitações dessa perspectiva. A compreensão do que é o homem não pode se dar a não ser pelo plano da união. A necessidade da consideração do conhecimento advindo desse plano indica um movimento de reavaliação do projeto cartesiano que ficará incompleto devido à sua morte.

9. Referências

CAPOBIANCO, Cristina Surani Mora. *O corpo em off: a doença e as práticas psi na pediatria hospitalar*. São Paulo: Estação Liberdade, 2003.

CASTRO, Josué de. *Alguns aspectos da anamnese clínica: uma visão sociocultural e psicossomática do paciente*. 3 ed. Fortaleza, 2003.

COTTINGHAM, John. *A filosofia da mente em Descartes*. São Paulo: Editora UNESP, 1999. (Col. Grandes Filósofos).

_____. *Dicionário de Descartes*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

DE MARCO, Mario Alfredo. *A face humana da medicina: do modelo biomédico ao modelo biopsicossocial*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

DESCARTES, René. *Discurso do Método*. Apresentação e comentário de Denis Huisman. Trad. de Elza Moreira Marcelina. São Paulo: Ática, 1989.

_____. *Discursos do Método; Meditações; Objeções e Respostas; As Paixões da Alma; Cartas*; introdução de Gilles-Gaston Granger; prefácio e notas de Gerard Lebrun; Trad. de J. Guinsberg, Bento Prado J. 3 ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983 (Os Pensadores).

_____. *Regras para a Orientação do Espírito*. Trad. de Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 1999 (Clássicos).

DONATELLI, Marisa Franco. *A fisiologia e as paixões em Descartes*. Cadernos de História e Filosofia da Ciência, 1999, vol. 9, nº 1-2, jan-dez, p. 7-31. ISSN 0101-3424.

LEBRUN, Gerard. Notas. In: *Discursos do Método; Meditações; Objeções e Respostas; As Paixões da Alma; Cartas* (J. Guinsberg & B. Prado, Trad., 3a ed.). São Paulo: Abril, 1983.

PINHEIRO, Raimundo. *Medicina Psicossomática: uma abordagem clínica*. São Paulo: Fundação BYK, 1992.

Artigo recebido em 11.07.2013

Artigo aprovado em 08.09.2013